

**OS INFORTÚNIOS DOS IMORTAIS, REVELADOS POR PAUL ÉLUARD
E MAX ERNST (1922). TRADUÇÃO DE CINCO POEMAS EM PROSA**

Ramon Henrique de Carvalho Nascimento¹
Ana Cláudia Romano Ribeiro²

RESUMO

Apresentamos aqui a tradução de cinco poemas de *Les malheurs des immortels, révélés par Paul Éluard e Max Ernst* (“Os infortúnios dos mortais, revelados por Paul Éluard e Max Ernst”), livro publicado em 1922 que reúne 20 poemas em prosa de Éluard e 21 colagens de Ernst. Essas traduções fazem parte de uma Atividade Programada de Pesquisa realizada por Ramon Henrique de Carvalho Nascimento e orientada por Ana Cláudia Romano Ribeiro no âmbito do curso de Letras, habilitação Português-Francês, da Universidade Federal de São Paulo. Para empreendê-las, levamos em conta a distinção entre sentido e significância (LARANJEIRA, 2012), o estudo da estética surrealista (BENJAMIN, 1987; NADEAU, 1964; LEADLEY, 1980) e, para testá-las, a prática de leituras vocalizadas (cf. BAJARD, 1994).

PALAVRAS-CHAVE: *Les malheurs des immortels*; Paul Éluard; Max Ernst; poemas em prosa; tradução.

ABSTRACT

We present here the translation of five poems from *Les malheurs des immortels, révélés par Paul Éluard et Max Ernst* (“The misfortunes of mortals, revealed by Paul Éluard and Max Ernst”), a book published in 1922 that gathers 20 prose poems by Éluard and 21 collages by Ernst. These translations are part of a Programmed Research Activity carried out by Ramon Henrique de Carvalho Nascimento and oriented by Ana Cláudia Romano Ribeiro within the framework of the Language and Literature course, Portuguese-French habilitation, at the Federal University of São Paulo. To undertake them, we took into account the distinction between meaning and significance (LARANJEIRA, 2012), the study of surrealist aesthetics

¹ Formado em Letras, habilitação Português-Francês, na Universidade Federal de São Paulo. E-mail: ramon.henrique@unifesp.br. Orcid: 0000-0003-0328-6174.

² Professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: acrribeiro@unifesp.br. Orcid: 0000-0002-0923-3228.



(BENJAMIN, 1987; NADEAU, 1964; LEADLEY, 1980) and, to test them, the performance of vocalized readings (cf. BAJARD, 1994).

KEY WORDS: *Les malheurs des immortels*; Paul Éluard; Max Ernst; prose poems; translation.

Apresentamos aqui a tradução de cinco poemas de *Les malheurs des immortels, révélés par Paul Éluard e Max Ernst* (“Os infortúnios dos mortais, revelados por Paul Éluard e Max Ernst”), livro publicado em 1922 que reúne 20 poemas em prosa de Éluard e 21 colagens de Ernst. A edição consultada foi a de 1968 (Gallimard), que reúne poemas de Paul Éluard escritos entre 1913 e 1926. Reproduzimos aqui, em francês, cada um dos poemas traduzidos ao português, bem como a colagem que os acompanha.

Essas traduções fazem parte de uma Atividade Programada de Pesquisa realizada por Ramon Henrique de Carvalho Nascimento e orientada por Ana Cláudia Romano Ribeiro no âmbito do curso de Letras, habilitação Português-Francês da Universidade Federal de São Paulo. Para empreendê-las, levamos em conta a distinção entre sentido e significância (LARANJEIRA, 2012), o estudo da estética surrealista (BENJAMIN, 1987; NADEAU, 1964; LEADLEY, 1980) e, para testá-las, a prática de leituras vocalizadas (cf. BAJARD, 1994), aspectos de que não trataremos aqui.

1

As tesouras e seu pai

O pequeno está doente, o pequeno vai morrer. Ele que nos deu a visão, que trancou as obscuridades nas florestas de pinheiros, que secava as ruas após o temporal. Ele tinha, ele tinha um estômago complacente, ele portava o clima mais ameno em seus ossos e fazia amor com os campanários.



O pequeno está doente, o pequeno vai morrer. Agora ele pega o mundo por uma ponta e o pássaro pelas plumas que a noite lhe traz. Colocaremos nele um grande vestido, um vestido de crinolina média, com fundo de ouro, bordado com ouro de cor, uma queixeira com umas bolotas de benevolência e confetes no cabelo. As nuvens anunciam que ele não tem mais do que duas horas. Na janela, uma agulha parece registrar os tremores e os intervalos de sua agonia. Em seus esconderijos de renda açucarada, as pirâmides trocam grandes reverências e os cães se escondem nos rebus – as majestades não gostam que as vejam chorar. E o para-raios? Onde está bispo para-raios?

Ele era bom. Ele era brando. Ele jamais açoitou o vento, nem esmagou a lama sem necessidade. Ele jamais se fechou em uma inundação. Ele vai morrer. Então não significa absolutamente nada ser pequeno?

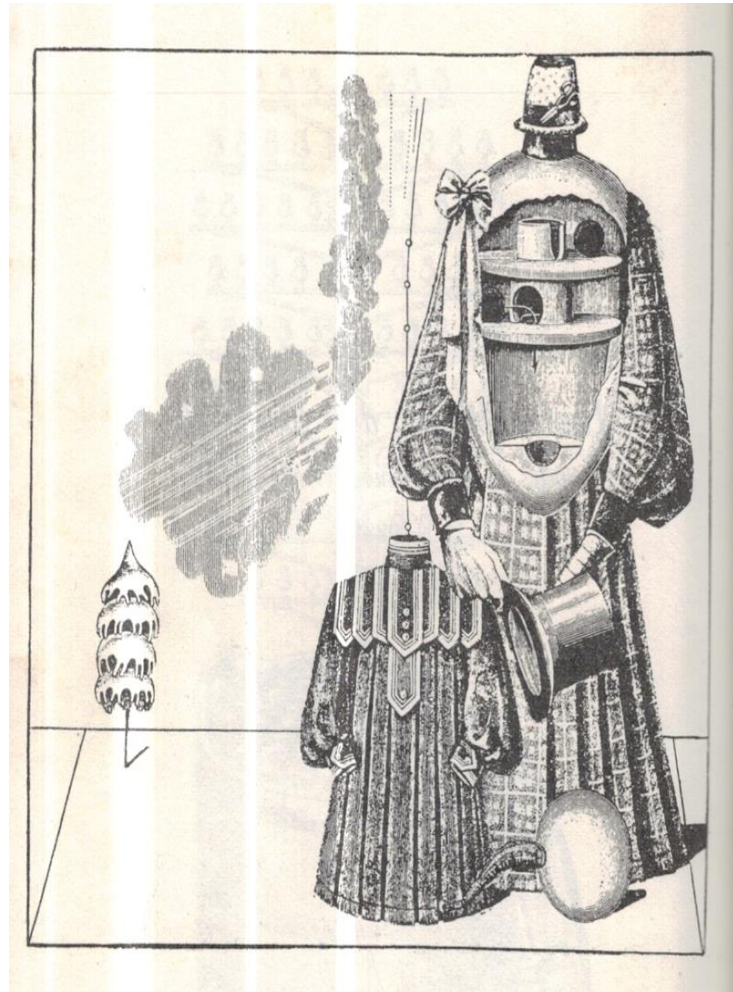
Les ciseaux et leur père

Le petit est malade, le petit va mourir. Lui qui nous a donné la vue, qui a enrôlé les obscurités dans les forêts de sapins, qui séchait les rues après l'orage. Il avait, il avait un estomac complaisant, il portait le plus doux climat dans ses os et faisait l'amour avec les clochers.

Le petit est malade, le petit va mourir. Il tient maintenant le monde par un bout et l'oiseau par les plumas que la nuit lui rapporte. On lui mettra une grande robe, une robe sur moyen panier, fond d'or, brodé avec l'or de couleur, une mentonnière avec des glands de bienveillance et des confettis dans les cheveux. Les nuages annoncent qu'il n'en a plus que pour deux heures. A la fenêtre, une aiguille à l'air enregistre les tremblements et les écarts de son agonia. Dans leurs cachetes de dentelle sucrée, les pyramides se font de grandes révérences et les chiens se cachent dans les rébus – les majestés n'aiment pas qu'on les voie pleurer. Et le paratonnerre? Où est monseigneur le paratonnerre?



Il était bon. Il était doux. Il n'a jamais fouetté le vent ni écrasé la boue sans nécessité. Il ne s'est jamais enfermé dans une inondation. Il va mourir. Ce n'est donc rien du tout d'être petit? (ÉLUARD, 1968, p. 131)



2

O cego predestinado vira as costas aos passantes

Uma mosca sobre sua mão. O sol, para impedi-la de voar, planta agulhas ao redor dela. O sol atrai as andorinhas afetadas por estas atrozes doenças de pele que desfiguram os dias de tempestade. Elas saem da água para passear nos campos. O rio não está mais cheio e elas dispunham de tempo para chegar. Mas é necessário que elas partam em busca de todas as cruzeiras abandonadas.

Seus pés exalam o perfume dos lagartos. Ele fará por consequência um casamento vantajoso, um casamento de boas intenções.

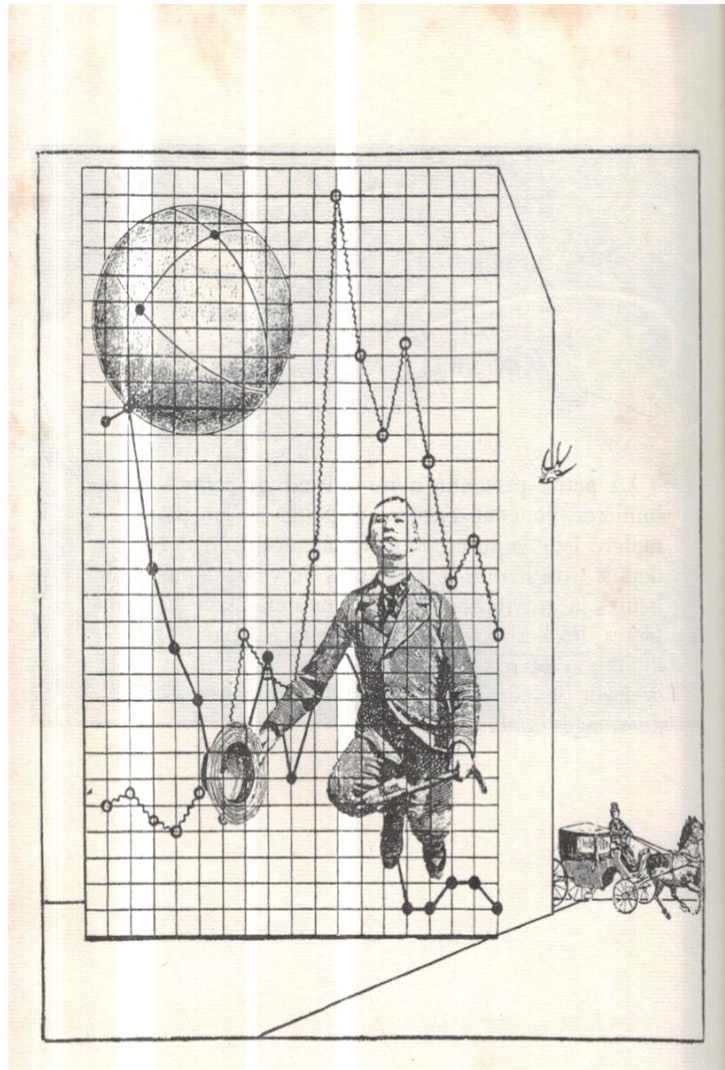
L'aveugle prédestiné tourne le dos aux passants

Une mouche sur sa main. Le soleil, pour l'empêcher de s'envoler, plante des aiguilles autour d'elle. Le soleil attire les hirondelles atteintes e ces affreuses maladies de peau qui défigurent les jours d'orage. Elles sortent de l'eau pour se promener dans les champs. La rivière n'est pas encombrée et elles avaient le temps d'arriver. Mais il faut qu'elles aillent chercher toutes les croix oubliées.

Ses pieds exhalent le parfum des lézards. Il fera par conséquent un mariage avantageux, un mariage de bonnes intentions. (ÉLUARD, 1968, p. 137)

390





Encontro de dois sorrisos

No reino dos cabeleireiros, os alegres não perdem todo seu tempo sendo casados. Para além da coqueteria dos veladores, as patas dos patos abreviam os gritos de chamada das damas brancas. Na manga do violino, vós encontrareis o grito dos grilos. Na manga do maneta, vós encontrareis o elixir para se matar. Ficareis maravilhados ao encontrar o esplendor de vossos espelhos nas unhas das águias. Olhai estas pequenas serpentes canonizadas que, na véspera de seu primeiro baile, lançam esperma com seus seios. A riqueza perturbou tanto suas ambições que eles colocam enigmas eternos aos antiquários que passam. Escutai os suspiros dessas mulheres em penteado borboleta.

Rencontre de deux sourires

Dans les royaume des coiffeurs, les heureux ne perdent pas tout leur temps à être mariés. Au-delà de la coquetterie des guéridons, les pattes des canards abrègent les cris d'appel des dames blanches. Dans la manche du violon, vous trouverez les cris des grillons. Dans la manche du manchot, vous trouverez le philtre pour se faire tuer. Vous serez étonnés de retrouver la splendeur de vos miroirs dans les ongles des aigles. Regardez ces petits serpents canonisés qui, à la veille de leur premier bal, lancent du sperme avec leurs seins. La richesse a tellement troublé leurs ambitions qu'ils posent des énigmes éternelles aux antiquaires qui passent. Écoutez les soupirs de ces femmes coiffées en papillon. (ÉLUARD, 1968, p. 141)





4

Prazeres esquecidos

No final do cais, tendo partido do mar, saído da prisão, retornado das Índias com a certeza das grandes máquinas indomáveis, Robert abriu passagem à sua curiosidade a golpes de alfinete. Rebentos pegajosos se levantam e lhe agarram as pálpebras. A dor retorna ao calor e apesar da dor, podeis admirar a alma intrépida, a coragem surpreendente desse miserando, podeis admirar certa dancinha melancólica, deslocada em tal caso: o desejo de dormir, que lhe alisa os cabelos.

Plaisirs oubliés

Au bout de la jetée, parti de la mer, sorti de prison, revenu des Indes avec l'assurance des grandes machines indomptables, Robert a fait à sa curiosité un passage à coups d'épingle. Des bourgeons poisseux se dressent et lui saisissent les paupières. La douleur retourne à la chaleur et malgré la douleur, vous pouvez admirer l'âme intrépide, le courage surprenant de ce malheureux, vous pouvez admirer une certaine petite danse mélancolique, déplacée en pareil cas: l'envie de dormir, qui lui lisse les cheveux. (ÉLUARD, 1968, p. 157)

394





5

O fugitivo

Ele preferiu se afogar a assinar. Todos o abandonaram – seu conforto, seu passado, sua alegria, a esperança. A corda que ele carrega não cabe mais nos reboques habituais. Seu peito lhe servirá de travesseiro, a extrema doçura de seu abandono o despertará. A calma de que ele acumula se despe de mil fios de musselina queimada e folhas flutuantes de uma planta gulosa. As saudações dos navios fizeram eclodir seus ornamentos naturais para futuras combinações.

Sempre alguns pontos de vista e o mínimo de meios.

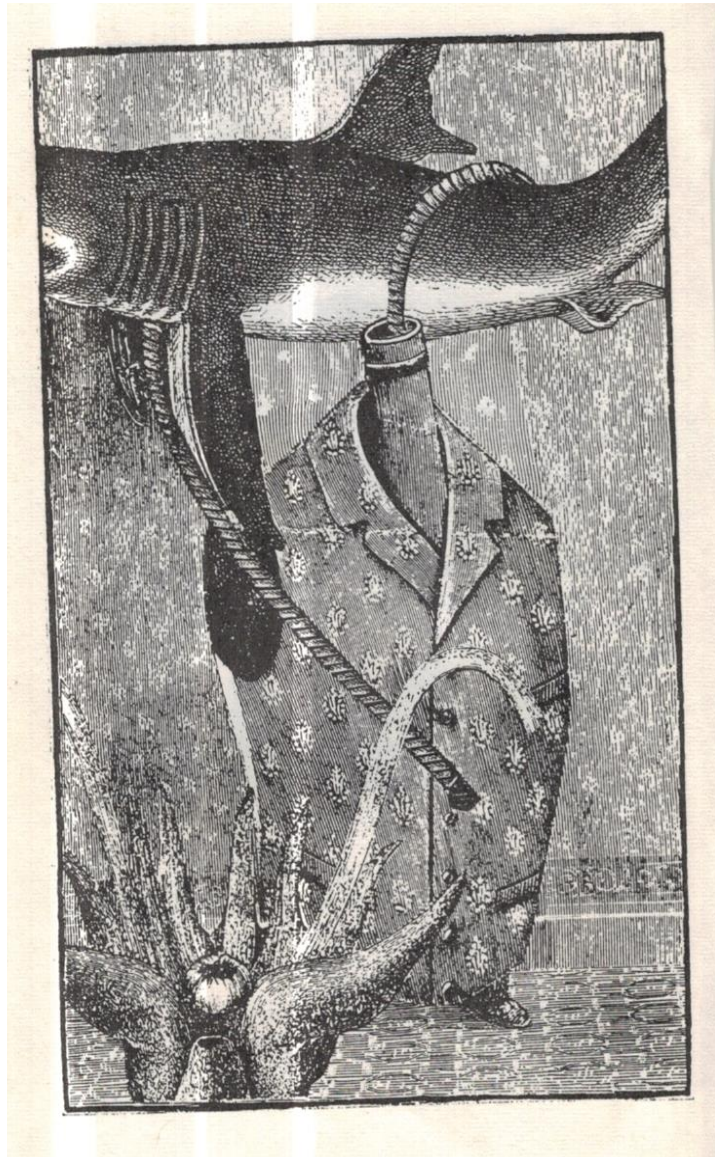
Le fugitif

Il a mieux aimé se noyer que de signer. Ils l'ont tous abandonné – leur confort, leur passé, leur bonheur, l'espoir. La corde qu'il emporte ne tient pas aux habituelles remorques. Sa poitrine lui servira d'oreiller, l'extrême douceur de son abandon l'éveillera. Le calme qu'il amasse se dépouille de mille brins de musseline brûlée et des feuilles flottantes d'une plante gourmande. Les salut des navires font éclore ses ornements naturels pour de futures combinaisons.

Toujours des points de vue et le minimum de moyens. (ÉLUARD, 1968, p. 169)

396





Referências

BAJARD, Élie. *Ler e Dizer*. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

BENJAMIN, Walter. O Surrealismo. O último instantâneo da inteligência europeia. In: *Magia e Técnica, Arte e Política, ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 21-35.

ÉLUARD, Paul. *Poésies*. Paris: Gallimard, 1968.

LARANJEIRA, Mário. “Sentido e significância na tradução poética” in *Estudos Avançados*, 26(76), 2012, p. 29-37.

LEADLEY, Alice Weldon. *A collage-collaboration: Eluard and Ernst*. New York, P.h.D., City University of New York, 1980.

NADEAU, Maurice. *Histoire du surrealisme*. Editions du Seuil, 1964.

